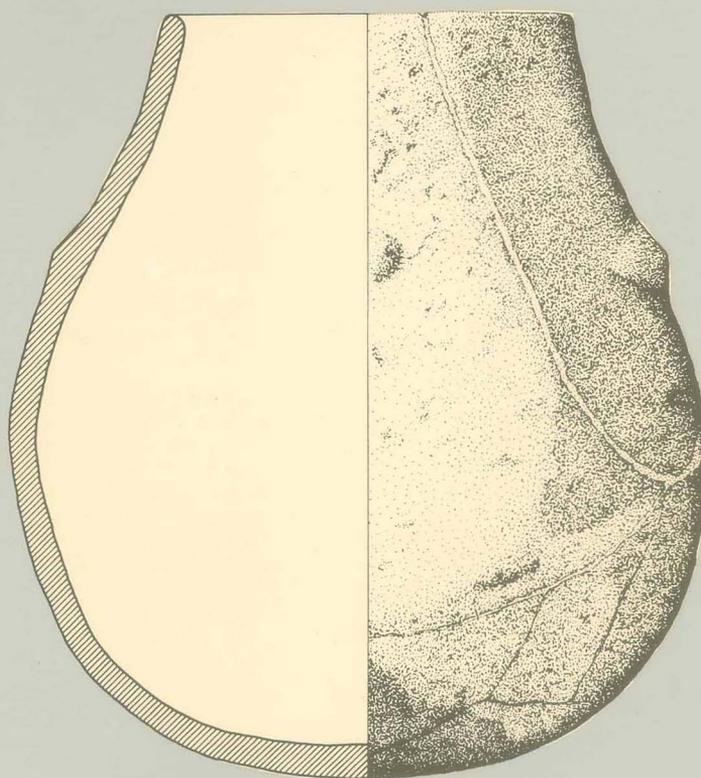


X E L B 2



A Necrópole De Alfarrobeira (S. Bartolomeu De
Messines) E A Idade Do Bronze No Concelho
De Silves

Mário Varela Gomes

XELB 2 — REVISTA DE ARQUEOLOGIA, ARTE, ETNOLOGIA E HISTÓRIA

1994

FICHA TÉCNICA

DIRECÇÃO: Mário Varela Gomes.

AUTORES: Mário Varela Gomes, António Vasconcelos Pinto Coelho, João Luís Cardoso, João Pais.

ORIENTAÇÃO GRÁFICA: Mário Varela Gomes.

CAPA: Leonel Moura.

DESENHO: Ivone Beirão, Margarida Carmo, Cristina Gaspar, Mário Varela Gomes, Ana Machado, Susana Vilar.

FOTOGRAFIA: Mário Varela Gomes, João Luís Cardoso.

RESTAURO: Isabel Nunes, Luís Miguel Cabrita, Maria do Céu Mateus, Maria Lúcia Cabrita.

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO

E ENCADERNAÇÃO: Gráfica Europam, Ltd.^a — Mem Martins — Portugal

CORRESPONDÊNCIA: Museu Municipal de Arqueologia, Rua da Porta de Loulé, 8300 Silves, Portugal
(telefone: 082 444832).

(Solicita-se permuta/ on prie l'échange/ exchange wanted/ sollicitiamo intercambio/ tauschverkehr erwünscht)

ESTUDOS COMPLEMENTARES

IV.1 - CERÂMICAS DA NECRÓPOLE DA *IDADE DO BRONZE* DE ALFARROBEIRA (SILVES). ANÁLISES MACRO E MICROSCÓPICAS.

A.V. Pinto Coelho (*) e João Luís Cardoso (*)

1 - *Introdução*

Neste trabalho estudam-se três fragmentos de recipientes cerâmicos, recolhidos no interior de duas cistas da necrópole, do *Bronze do Sudoeste*, de Alfarrobeira (Silves). Os trabalhos efectuados sobre tais fragmentos constaram:

da observação macroscópica, na superfície de fractura;
da observação em lâmina delgada, ao microscópio petrográfico.

São, até ao presente, escassos os trabalhos realizados, no nosso país, sobre análises de pastas cerâmicas recorrendo ao microscópio petrográfico. Parece-nos, no entanto, que se trata de método particularmente aplicável ao estudo das cerâmicas pré-históricas. Estas, com efeito, ao contrário das cerâmicas mais recentes, em geral de pastas mais finas e depuradas, encerram grande quantidade de elementos não plásticos, frequentemente de mineralogia variada. Estão, pois, reunidas as condições para que, através do estudo petrográfico, se possam constituir agrupamentos de pastas, de acordo com a respectiva mineralogia para, numa fase ulterior, tendo presente as características petrográficas dos afloramentos geológicos da região mais ou menos adjacente, se possam definir prováveis zonas de abastecimento da respectiva matéria-prima ou outras informações a que o estudo comparado dos diferentes tipos de pastas devam conduzir.

Foi tendo em consideração tais preocupações que se decidiu pela realização do presente trabalho.

(*) Centro de Estratigrafia e Paleobiologia da Universidade Nova de Lisboa.

As observações microscópicas são da autoria do primeiro dos signatários. A coordenação geral, conclusões e redacção final foram efectuadas pelo segundo.

2 - Análises macro e microscópicas

2.1 - Análises macroscópicas

Em amostras de mão, as observações realizadas sobre os fragmentos cerâmicos fornecidos para estudo, dadas as suas pequenas dimensões, são pouco representativas. Respeitam, essencialmente, a coloração e a textura.

Monumento 7

Am. 1 - Fragmento recolhido no interior da cista, de mistura com as terras do enchimento.

Matriz, aparentemente compacta, de coloração castanho-avermelhada, englobando material arenoso de granulometria fina a média, muito abundante.

Am. 2 - Fragmento de vaso globular, recolhido no fundo da cista.

Em amostra de mão, este fragmento diverge do anterior apenas pela coloração geral, que é castanho-avermelhada, mas nitidamente mais clara. Observam-se as mesmas pontuações, correspondendo a grãos de granulometria idêntica à do exemplar anterior, abundantemente dispersos pela pasta.

Monumento 9

Am. 1 - Fragmento de taça carenada, recolhida no fundo da cista

Em amostra de mão, o pequeno fragmento disponível parece constituído por material friável, pouco consistente. Observam-se minúsculas pontuações arenosas, de coloração esbranquiçada, aparentemente pouco abundantes.

2.2 - Análises microscópicas.

Nas pastas cerâmicas, há a considerar a fracção de material plástico, argiloso, que constitui o cimento da mistura e a fracção não plástica, reconstituída por grãos de minerais naturalmente associados àquele cimento, ou a ele adicionados deliberadamente. As análises ao microscópio petrográfico são especialmente adequadas à observação desta última fracção.

Monumento 7

Am. 1 e 2 - Nestas duas lâminas delgadas, existem apenas diferenças de pormenor, adiante referidas (fig. 79-A, B).

Quanto às características comuns, verificámos que as fracções argilosas não aparentam ser muito abundantes e são pouco porosas, talvez em resultado da presença de elevada quantidade de material das fracções arenosas. Estas são constituídas, exclusivamente, por grãos de feldspatos, geralmente de contornos angulosos e sub-angulosos, de diâmetro médio, tendo por limites superiores 1.5mm a 2.0mm. A caulinição generalizada destes minerais não permite, principalmente

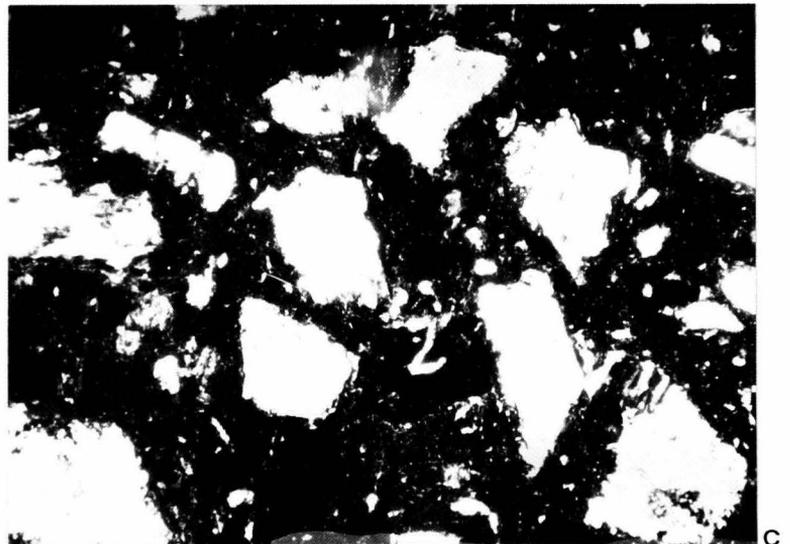
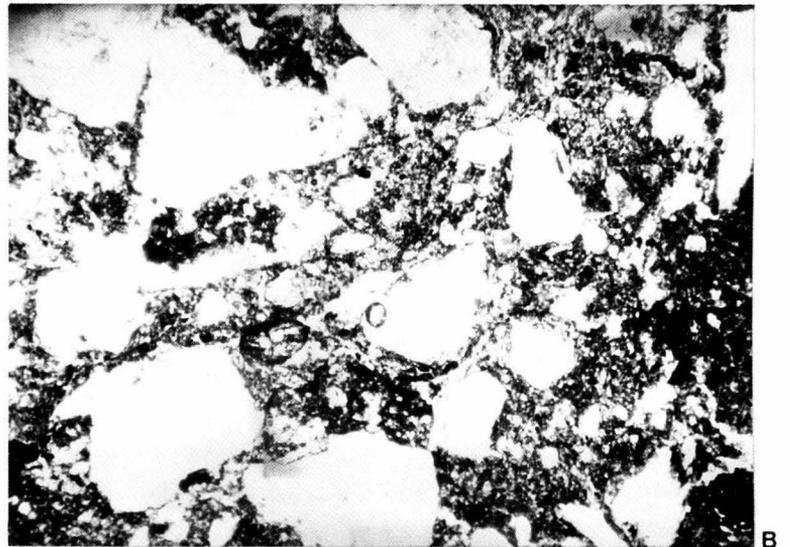
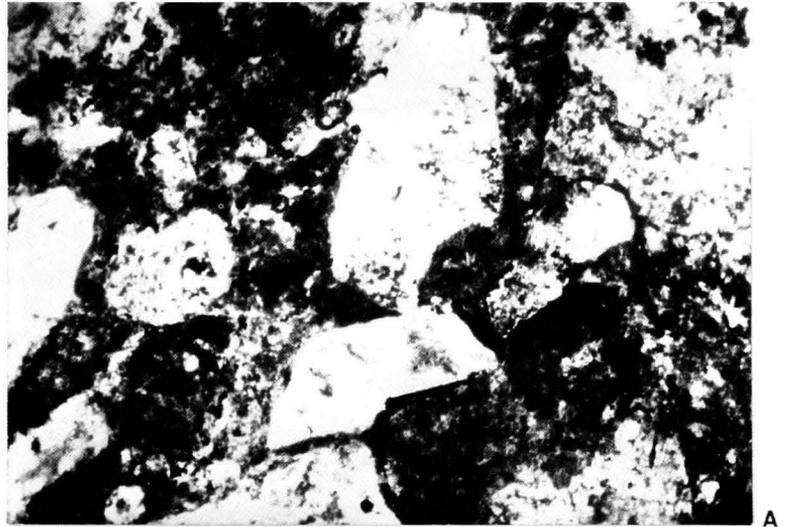


Fig. 79 - Necrópole de Alfaroqueira. Aspecto, ao microscópio petrográfico, da amostra encontrada à mistura com as terras que preenchem a cista da sepultura 7 (X 136); B- Idem, amostra proveniente do fundo do vaso globular da sepultura 7 (X 136); C- Idem, amostra da taça da sepultura 9 (X 136) (Fotos J.L. Cardoso).

na primeira destas preparações, classificá-los em termos mais específicos. Os pequenos fragmentos granulares mostram-se bem calibrados (dimensões bastante uniformes).

Não foram assinalados, em quaisquer destas lâminas, grãos de quartzo, mineral muito frequente e abundante em cerâmicas pré-históricas de outras regiões do país, por nós estudadas.

As pequenas distinções entre as pastas destas duas lâminas são as seguintes: 1) mais intensa rubefacção na primeira das amostras e, conseqüentemente, acentuada coloração avermelhada; 2) a fracção argilo-ferruginosa da segunda (7-fundo) aparenta menor grau evolutivo na alteração da rocha-mãe e daí observar-se maior número de grânulos minúsculos de minerais ferrosos, e outros, originais e não alterados; 3) os cristais feldspáticos da fracção granulosa desta segunda lâmina apresentam-se frequentemente menos alterados e, por isso, evidenciam, alguns deles, as geminações das plagioclases; 4) finalmente, refira-se que a fracção granulosa é, ligeiramente, menos abundante do que na lâmina anterior.

Monumento 9

Do único fragmento fornecido para análise, pertencente a uma taça carenada, recolhida no fundo da cista, realizaram-se observações sobre duas lâminas delgadas. O seu exame revela identidade de cor, estrutura e composição mineralógica, não obstante ser difícil compará-las em pormenor, em consequência das preparações estarem incompletas, tendo desaparecido durante o trabalho de desgaste parte importante do material original, por ser pouco consistente.

As pequenas áreas das preparações, que subsistiram permitem, no entanto, verificar que se trata de cerâmica intensamente rubefacta (vermelho-escura) na qual a fracção argilosa parece conter uma parte granular muito reduzida. É certo que a massa argilosa contém frequentes grânulos de diversos minerais, entre os quais lamelas de biotite e de moscovite, mas o seu tamanho diminuto indica-nos que tais minerais fazem parte integrante da fracção plástica; são relíquias da rocha-mãe que deu origem à argila (fig. 79-C).

A fracção granular, embora pareça escassa, está patente sob a forma de grãos angulosos e sub-angulosos, nitidamente maiores do que os grânulos anteriormente mencionados; correspondem a diversos minerais, como sejam feldspatos (plagioclases) e outros, entre os quais é interessante assinalar piroxena e olivina, minerais muito importantes na caracterização da respectiva origem da matéria-prima.

3 – Conclusões

3.1 - Identidade das pastas analisadas.

Uma das questões, que a análise ceramográfica poderia responder, respeitava a hipótese de existirem diferenças composicionais (a nível dos respectivos constituintes mineralógicos), entre as pastas utilizadas no fabrico das cerâmicas recolhidas no interior da cista 7. Com efeito, enquanto que no fundo jazia, como oferenda funerária, um vaso globular, foram encontrados, disseminados nas terras que preenchiam o interior da cista, diversos fragmentos mais ou menos rolados, que indicavam terem vindo à mistura com as terras utilizadas para preencher o sepulcro. Era, portanto,

admissível, uma origem eventualmente diferente do recipiente ali depositado ritualmente, face a estes pequenos fragmentos dispersos.

As análises macro e microscópicas realizadas não permitiram comprovar tal hipótese; pelo contrário, evidenciaram estreitas analogias entre a composição mineralógica e a textura dos fragmentos disseminados no enchimento do interior do sepulcro face à do recipiente depositado no fundo deste. É, assim, aceitável, admitir que ambos conjuntos teriam tido uma origem comum, sendo utilizados pela mesma população. Tal conclusão é compatível e reforça a hipótese de prática ritual, segundo a qual o interior das cistas, após a deposição do corpo, seria preenchido, em parte ou na totalidade, com terras provenientes da área habitacional.

3.2 - Origem da matéria-prima.

A presença de minerais ferromagnesianos, sobretudo na pasta do recipiente encontrado no fundo do monumento 9 (uma taça carenada), constituídos por grãos de piroxena e de olivina é importante na determinação da respectiva origem da matéria-prima. Com efeito, trata-se de minerais que, pela sua fácil alterabilidade, são pouco resistentes ao transporte, sendo rapidamente destruídos. Acresce que tais grãos, como os de feldspato, não se apresentam rolados. Pode, assim, concluir-se, que faziam parte de material não sujeito a transporte, ou seja, cuja evolução, por acção dos agentes meteóricos, da rocha sã aos produtos argilosos, dela resultante, se efectuar *in situ*.

Tal rocha teria, pois, na sua origem, piroxenas e olivinas, bem como feldspatos (plagioclases), que a constituíam quase exclusivamente. O quartzo não foi identificado em nenhuma das lâminas observadas. Tratar-se-ia, sem dúvida, de rocha básica, certamente sob a forma de filão ou filões, dos numerosos que se conhecem no Algarve, inclusive no concelho de Silves, encaixados tanto em terrenos paleozóicos como mesozóicos.

Pela sua expressão cartográfica, assume particular relevo a grande soleira, ou “filão camada”, que, com orientação geral este-oeste, atravessa todo o Algarve, intercalada nos depósitos margo-carbonatados por serem essencialmente do Infralias, correspondentes a diversas escoadas lávicas contemporâneas da sedimentação (Teixeira e Gonçalves, 1980).

As argilas, por serem sobretudo aluminosilicatos, mais ou menos impuros, formam massas volumosas por alteração das rochas de que derivaram. Daí que, mesmo um pequeno filão de rocha básica fosse susceptível de fornecer, quando profundamente alterado, apreciável quantidade de matéria-prima.